

LISA BALLANTYNE

O CULPADO

Tradução de
Pedro Garcia Rosado

«A alma peca na escuridão, mas o verdadeiro pecador
é aquele que causa a escuridão.»

Vítor Hugo, *Os Miseráveis*

Crimes

1

Rapazinho encontrado morto no Barnard Park

Havia no ar um cheiro a pólvora quando Daniel Hunter emergiu da estação de metropolitano de Angel a caminho da esquadra de Islington. Era um dia sufocante de verão, com a Lua totalmente invisível num céu brilhante mas carregado de nuvens. O dia parecia prestes a explodir.

Subia Daniel a Liverpool Road quando a trovoada rebentou e a chuva começou de imediato a cair em pingos grossos, opressivos e castigadores. Daniel aconchegou o colarinho ao pescoço e passou a correr pela Waitrose e pela Sainsbury's, desviando-se dos clientes de última hora. Daniel estava habituado a correr e por isso não sentiu a pressão do esforço no peito ou nas pernas, nem mesmo quando a chuva começou a cair com mais força, ensopando-lhe os ombros e as costas do casaco e levando-o a correr ainda mais depressa.

Já dentro da esquadra, sacudiu a água do cabelo e limpou o rosto com a mão. Sacudiu também a água da pasta. O vidro da receção ficou embaciado quando disse o seu nome.

O oficial de serviço, o sargento Turner, já o esperava e estendeu-lhe uma mão seca que Daniel apertou. Quando entrou no gabinete, Daniel tirou o casaco e pendurou-o nas costas da cadeira.

– Chegou cá muito rapidamente – comentou Turner.

Daniel pousou instintivamente o cartão de visita na secretária do sargento. Daniel era um visitante assíduo das esquadras de Londres, mas ainda não tinha vindo a esta, em Islington.

– Portanto, é um dos sócios da Harvey, Hunter e Steele? – disse o sargento, com um sorriso.

– Segundo percebi, trata-se de um menor.

– O Sebastian tem onze anos. – O sargento olhou para Daniel, como se lhe procurasse uma reação no rosto. Mas Daniel, que passara toda a sua vida a aperfeiçoar o modo como olhava para os outros e sabia que os seus olhos castanho-escuros nada revelavam, devolveu-lhe o olhar.

Era um advogado experiente na defesa de menores. Já tinha representado e defendido rapazes de quinze anos acusados de disparar sobre outros membros dos seus gangues, e diversos outros adolescentes que cometiam assaltos para comprar droga. Mas nunca uma criança, nunca um rapaz desta idade. Aliás, era muito reduzido o contacto que mantinha com crianças. As suas únicas referências provinham da sua própria experiência de rapazinho.

– Ele não está preso, pois não? – perguntou a Turner.

– De momento, não, mas há algo que não bate certo. Verá por si próprio, no entanto. Ele sabe, com todos os pormenores, o que aconteceu ao outro rapaz... Dá para ver que sabe. Só depois de lhe termos telefonado é que localizámos a mãe, que chegou há cerca de vinte minutos. Ela garantiu que esteve sempre em casa mas um tanto adoentada e que só agora viu as mensagens. Já pedimos um mandado para revistarmos a casa.

Daniel observou a expressão de Turner, cujas faces avermelhadas pareciam salientar a importância de cada palavra que pronunciava.

– Portanto, é considerado suspeito?

– Pode ter a certeza disso.

Daniel suspirou e tirou um bloco de apontamentos da pasta. Sentindo-se a arrefecer dentro das roupas molhadas, tomou algumas notas enquanto o sargento relatava o que fora encontrado na cena do crime e lhe falava das testemunhas e das perguntas feitas à criança até esse momento.

Sebastian estava a ser interrogado na sequência da descoberta do cadáver de outro rapaz. Chamava-se Ben Stokes e parecia ter sido espancado até à morte num canto arborizado do parque de aventuras do Barnard Park, na tarde de domingo. Ficara com o rosto esmagado por um tijolo, que também lhe partira os ossos da cavidade ocular. Esse tijolo, alguns ramos e folhas haviam sido utilizados depois pelo agressor para lhe cobrir o rosto parcialmente desfeito. O corpo ficara escondido debaixo

da casa de brincar de madeira, num dos cantos do parque, e foi aí que, na segunda-feira de manhã, o encontrou um dos jovens encarregados do parque.

– A mãe do Ben deu-o como desaparecido na tarde de domingo – acrescentou Turner. – Disse que o miúdo saiu para ir andar de bicicleta no passeio da Richmond Crescent, nessa tarde. Não estava autorizado a sair da rua, mas quando foi à procura dele já não o encontrou.

– E trouxeram este rapaz para ser interrogado porque...?

– Depois de o corpo ter sido encontrado, colocámos uma carrinha da Polícia na Barnsbury Road. Um residente disse que tinha visto dois rapazes à pancada no Barnard Park. Um deles correspondia à descrição do Ben. O homem disse que lhes gritou, para pararem de lutar, e que o outro rapaz lhe sorriu e respondeu que estavam só a brincar. Quando fizemos à mãe do Ben a descrição do outro rapaz, ela falou logo em Sebastian Croll, que é aquele miúdo que ali está à sua espera, e que vive perto da casa dos Stokes.

» O Sebastian estava sozinho em casa – pelo menos foi o que nos pareceu – quando dois agentes lá foram bater à porta às quatro da tarde de hoje. Ele disse-lhes que a mãe tinha saído e que o pai estava fora do país em trabalho. Depois disso, arranjámos um adulto habilitado e troxemo-lo para a esquadra. É para nós óbvio, desde que começámos, que ele está a esconder qualquer coisa. Foi a assistente social que insistiu que devíamos chamar um advogado.

Daniel acenou afirmativamente com a cabeça e fechou o bloco de notas.

– Eu acompanho-o – disse Turner.

O já familiar ambiente claustrofóbico das esquadras da Polícia envolveu Daniel quando seguiu o sargento. As paredes estavam cobertas de avisos das autoridades sobre a condução sob o efeito do álcool, o consumo de drogas e a violência doméstica. As persianas dos vários gabinetes, muito sujas, estavam todas fechadas.

Não havia janelas na sala de interrogatórios. As paredes estavam pintadas de um verde pálido e completamente vazias. Sebastian encontrava-se mesmo à sua frente, sentado à mesa. Os polícias tinham-lhe despido a roupa que trazia, entregando-lhe depois um fato-macaco descartável branco, de papel, que rangia quando ele se mexia. O fato-macaco, demasiado

grande, tornava-o ainda mais pequeno e mais vulnerável, como se nem onze anos tivesse. Tinha um rosto surpreendentemente bonito, quase com traços femininos, com uma face larga e em forma de coração, lábios vermelhos pequenos e grandes olhos verdes a transbordar de inteligência. A pele muito clara estava salpicada de sardas na zona do nariz. O cabelo castanho-escuro era de um corte perfeito. O rapaz sorriu-lhe e Daniel fez o mesmo. Sebastian parecia tão jovem que Daniel ficou por instantes sem saber como é que devia falar com ele e fez por disfarçar o choque que sentiu.

O sargento Turner fez as apresentações. Era um homem alto, mais alto do que Daniel, e parecia grande de mais para o tamanho exíguo da sala. Até se inclinou quando apresentou Daniel à mãe de Sebastian, Charlotte.

– Agradeço-lhe muito ter vindo – disse ela. – Ficamos-lhe realmente muito gratos.

Daniel acenou afirmativamente com a cabeça e voltou-se depois para o filho dela.

– Tu deves ser o Sebastian – disse-lhe, sentando-se e abrindo a pasta.

– É verdade. Pode chamar-me Seb, se quiser.

Daniel ficou aliviado por o rapaz parecer tão descontraído.

– Muito bem, Seb – disse. – Tenho muito gosto em conhecer-te.

– E eu também. É o meu advogado, não é? – Sebastian sorriu e Daniel ergueu uma sobrancelha. O rapaz era o mais novo dos seus clientes até este momento, mas as palavras que lhe ouvia mostravam que estava mais confiante do que muitos dos adolescentes que já defendera. Os olhos curiosos de Sebastian e a sua voz bem-educada e quase jovial desarmaram-no. Quanto à mãe, a coleção de joias que exibia parecia pesar mais do que o seu próprio corpo e a roupa que vestia dava a impressão de ter sido cara. Os ossos finos da mão, que acariciava a perna do filho, pareciam os de uma ave.

O miúdo só pode estar inocente, pensou Daniel, enquanto abria o bloco de apontamentos.

Trouxeram-lhes chá, café e alguns biscoitos de chocolate. O sargento Turner abandonou a sala de modo a que Daniel pudesse ficar a sós com o seu jovem cliente e com a mãe.

– Posso comer um? – perguntou Sebastian, com os dedos finos como as da mãe a pairarem sobre o prato de biscoitos.

Daniel fez que sim com a cabeça, sorrindo devido à cortesia de que o rapaz dava mostras. Lembrou-se de quando fora um miúdo em dificuldades, a tentar orientar-se num mundo de adultos, e sentiu-se de repente responsável pelo rapaz que tinha diante de si. Pôs o casaco ainda húmido nas costas da cadeira e alargou o nó da gravata.

Charlotte passava os dedos pelo cabelo, como se estivesse a pentear-se. Interrompeu o movimento para examinar as unhas bem tratadas antes de cruzar as mãos. Daniel lembrou-se das mãos da sua própria mãe, de unhas muito compridas, e parou por instantes, distraído pela recordação.

– Desculpe – disse Charlotte, erguendo as pestanas muito maquilhadas e baixando-as outra vez. – Isto vai demorar muito? Eu tenho de ir lá fora para telefonar ao pai do Sebastian e para lhe dizer que o senhor já chegou. Ele está em Hong Kong mas pediu-me que o mantivesse informado. Também quero ir num instante a casa. Disseram que podia trazer roupa para o Sebastian antes de começarem outra vez a fazer-lhe perguntas. Até me custa a crer que lhe tenham tirado *todas* as roupas. Até colheram uma amostra de ADN. Quer dizer, eu nem estava cá...

O ar parecia ter ficado mais pesado com o cheiro a couro molhado da pasta de Daniel e o intenso cheiro almiscarado do perfume de Charlotte. Sebastian esfregou as mãos uma na outra e endireitou as costas, como se a presença de Daniel tivesse nele o efeito estranho de o excitar. Pegou num dos cartões de visita de Daniel, tirando-o de uma das ranhuras do interior da pasta e recostou-se na cadeira, a admirar o cartão.

– É bonito. É mesmo sócio?

– Sou.

– Então pode tirar-me daqui?

– Não foste acusado de nada. Vamos só ter uma conversa rápida sobre o que tens a contar e depois a Polícia pode querer fazer-te mais perguntas.

– Eles pensam que fiz mal àquele rapaz, mas népia.

– O que tu queres dizer é *não fiz* – sussurrou-lhe Charlotte. – O que é que eu já te disse?

Daniel franziu o sobrolho, registando para si próprio a admoestação de Charlotte, desadequada numa situação daquelas.

– Muito bem, queres então contar-me o que aconteceu na tarde de domingo? – perguntou Daniel, começando a tomar notas à medida que o

rapaz ia contando a sua versão de como saía de casa para ir brincar com o seu vizinho, Ben Stokes.

– Os Stokes moram a pouca distância de nós – acrescentou Charlotte. – Às vezes brincam juntos. O Ben é um miúdo simpático, muito inteligente, mas talvez um pouco novo de mais para o Sebastian.

– Só tem oito anos – disse Sebastian, com um sorriso e um aceno de cabeça para Daniel, fitando-o diretamente nos olhos. E depois levou uma mão à boca, como se quisesse evitar uma risada. – Ou melhor, *tinha* oito anos. Agora está morto, não é?

Daniel fez um esforço para não se sentir incomodado pelas palavras de Sebastian.

– Achas que tem graça? – perguntou-lhe. Olhou de relance para a mãe de Sebastian mas viu-a distraída, absorta nas suas unhas, como se nem tivesse ouvido o filho. – Sabes o que lhe aconteceu?

Sebastian desviou o olhar.

– Acho que alguém o deve ter atacado. Talvez um pedófilo.

– Porque é que dizes isso?

– Bem, é o que têm estado a perguntar-me. Acham que lhe aconteceu qualquer coisa depois de eu o ter deixado, e eu suponho que se ele está morto deve ter sido um pedófilo ou um *serial killer* ou alguma coisa assim...

Daniel franziu o sobrolho, sem tirar os olhos dele. Sebastian parecia calmo, encarando o que acontecera a Ben como se fosse apenas uma questão intelectual. Daniel prosseguiu, fazendo perguntas a Sebastian sobre o que fizera na véspera, antes e depois de ter regressado a casa. O rapaz respondeu de forma clara e coerente.

– Muito bem – disse Daniel, finalmente. Nessa altura o rapaz já devia confiar nele. E Daniel acreditava no que Sebastian lhe tinha contado. – Senhora Croll?

– Por favor, trate-me por Charlotte. Nunca gostei do meu nome de casada.

– Muito bem, Charlotte. Queria fazer-lhe também algumas perguntas, se estiver de acordo.

– Claro que estou.

Daniel viu-lhe um sinal de batom nos dentes e, voltando-se para ela, reparou na tensão nervosa que lhe agitava o corpo pequeno. Apesar das

pestanas bem enroladas e da pintura cuidadosamente aplicada, a pele em torno dos olhos revelava sinais de cansaço. O sorriso que apresentava era forçado. Se ela soubesse do batom nos dentes, pensou Daniel, morreria de vergonha.

– Quando a Polícia foi hoje ter com o Sebastian, ele estava sozinho em casa?

– Não. Eu também estava, mas a dormir. Tive uma enxaqueca e tomei alguns comprimidos. Fiquei como morta.

– Quando a Polícia o foi buscar, segundo o relatório, o Sebastian disse que não sabia onde é que a senhora se encontrava.

– Oh, era só uma brincadeira. Ele às vezes faz isso. Ele gosta de provocar as pessoas, sabe como é.

– Eu estava só a provocá-los – apressou-se a confirmar Sebastian.

– A Polícia não fazia a menor ideia do seu paradeiro. Foi por isso que chamaram uma assistente social...

– Como eu disse – tornou Charlotte, em voz baixa –, fui só deitar-me um bocadinho.

Daniel cerrou os dentes. Charlotte escondia qualquer coisa e ele queria saber o que era. O rapaz inspirava-lhe mais confiança do que a mãe.

– E no domingo, quando ele voltou para casa, a senhora estava lá?

– Sim, quando ele chegou depois de ter estado a brincar com o Ben, eu estava em casa. Estou em casa quase sempre...

– E não deu por nada de estranho quando o Sebastian chegou?

– Rigosamente nada. Ele entrou e... foi ver televisão, acho eu.

– E a que horas ele chegou?

– Por volta das três.

– Está bem – disse Daniel. – Como te sentes, Seb? Aguentas que a Polícia te faça mais perguntas?

Charlotte voltou-se para Sebastian, pôs-lhe o braço por cima e disse:

– Bem, é tarde. Temos muito gosto em ajudar, mas talvez devêssemos guardar isso para amanhã.

– Vou perguntar-lhes – disse Daniel. – Posso dizer que o Sebastian precisa de descansar, mas não sei se vão concordar. Mas também o podem deixar sair sem exigirem uma fiança.

– Fiança? Mas por que raio...? – perguntou Charlotte.

– Vou pedir que ele seja libertado sem fiança, mas não é vulgar em casos de homicídio.

– O Sebastian não tem *nada* que ver com este assunto – afirmou Charlotte, com os tendões do pescoço a tornarem-se mais salientes à medida que elevava a voz.

– Acalme-se. Espere aqui.

Eram quase nove da noite, mas a Polícia mantinha a intenção de continuar o interrogatório. Charlotte foi a correr a Richmond Crescent buscar roupa para o filho e Sebastian pôde finalmente largar o fato-macaco branco e trocá-lo por umas calças azuis de fato de treino e por uma *sweatshirt* cinzenta. Depois conduziram-no outra vez à sala de interrogatórios.

Ficou sentado junto a Daniel, com a mãe do outro lado, ao fundo da mesa. O sargento Turner sentou-se em frente a Daniel. Acompanhava-o um segundo polícia, o inspetor Black, de rosto comprido, que ficou sentado em frente a Sebastian.

– Sebastian, não é obrigado dizer nada, mas pode prejudicar a sua defesa se não se referir agora a alguma coisa que possa depois confiar ao tribunal. Tudo o que disser pode ser apresentado como prova...

Sebastian fungou e olhou para Daniel, puxando as mangas da camisola por cima das mãos enquanto ouvia as palavras formais do inspetor.

– Sente-se agora mais confortável na sua roupa lavada, Seb? – perguntou o polícia. – Sabe porque ficámos com a sua roupa, não sabe?

– Sim, querem procurar elementos de prova forense. – Sebastian pesava bem as palavras, pronunciando-as com clareza e sem emoção.

– É verdade. Que tipo de prova é que acha que iremos encontrar?

– Não tenho a certeza.

– Quando fomos procurá-lo esta tarde, tinha algumas manchas nos seus ténis. E essas manchas, Seb, pareciam ser de pingos de sangue. Pode explicar-nos que manchas eram?

– Não tenho a certeza. Posso ter-me cortado quando andava a brincar. Não me lembro. Ou pode ter sido terra...

O sargento Turner pigarreou e perguntou:

– Não acha que se lembraria se se tivesse cortado a ponto de deixar cair pingos de sangue nos sapatos?

– Depende.

– Portanto, pensa que é sangue o que está nos seus sapatos, mas acredita que seja o seu? – perguntou o inspetor com uma voz rouca.

– Não, não faço a menor ideia do que serão as manchas. Quando estou a brincar lá fora, muitas vezes sujo-me um pouco. Só estava a dizer que se é sangue terei sido eu que me feri, ao brincar.

– E como é que se teria ferido?

– Talvez ao cair em cima de alguma pedra ou a saltar de alguma árvore. Um ramo pode ter-me arranhado.

– E andou a saltar das árvores ontem ou hoje?

– Não. Passei a maior parte do tempo a ver televisão.

– Não foi à escola hoje?

– Não, não estava a sentir-me muito bem de manhã. Doía-me a barriga e por isso não fui.

– O seu professor sabe que esteve doente hoje?

– Bem, o que acontece normalmente é que levamos um recado, quando voltamos à escola...

– Se esteve em casa o dia todo, Sebastian, como é que os seus ténis ficaram assim? Como é que ficaram sujos de sangue? – perguntou o sargento Turner, debruçando-se por cima da mesa. Daniel cheirou-lhe no hálito o café já requeentado. – Pode ter sido sangue de ontem?

– Nós não sabemos se é sangue o que está nos sapatos, sargento. Talvez possa reformular a pergunta – sugeriu Daniel, olhando para o polícia com uma sobrancelha arqueada. Era portanto assim que tencionavam apanhar o rapaz.

Irritado, Turner perguntou:

– Os sapatos eram os mesmos que calçou ontem, Sebastian?

– Talvez. Posso tê-los calçado outra vez. Não me lembro. Tenho muitos sapatos. Acho que teremos de esperar para ver.

Daniel olhou disfarçadamente para Sebastian e tentou lembrar-se de quando tinha onze anos. Recordou-se da sua timidez quando tinha de olhar diretamente para os olhos dos adultos. E de picadas de urtigas e de se sentir mal vestido. Um pequeno brilho nos olhos do rapaz sugeria que ele estava a gostar de ser interrogado, apesar da dureza daqueles polícias.

– Pois iremos esperar. E em breve descobriremos o que são as manchas nos seus sapatos e, se é sangue, a quem pertence.

– Tiraram sangue ao Ben?

Pronunciado naquela sala sem janelas, o nome do rapaz morto ganhou uma qualidade sagrada, quase primitiva, como se fosse uma bolha passageira, flutuando oleosa e colorida à frente de toda a gente. Daniel susteve a respiração, mas a bolha acabou por rebentar.

– Saberemos muito em breve se algum do sangue dele se encontra nos seus sapatos – murmurou Turner.

– Quando morremos, o nosso sangue ainda corre? – perguntou Sebastian, numa voz muito nítida, quase trocista. – Ainda é um líquido? Pensei que pudesse ficar sólido, ou qualquer coisa assim.

Daniel sentiu os pelos dos braços a porem-se em pé. Os olhos dos dois polícias semicerraram-se perante a reviravolta macabra introduzida no rumo da conversa. Daniel conseguia perceber o que estavam a pensar, mas ainda acreditava no rapaz. Lembrou-se de quando os adultos o julgaram, quando era criança, e de como o juízo que fizeram tinha sido tão injusto. Sebastian era obviamente inteligente e Daniel compreendia, em parte, a curiosidade que o movia.

Já passava bastante das dez horas quando o interrogatório terminou. Daniel sentiu-se abatido ao ver Sebastian a deitar-se na cela. Charlotte estava debruçada sobre o rapaz, a fazer-lhe festas na cabeça.

– Não quero dormir aqui – disse Sebastian, voltando-se para o advogado. – Pode fazer com que eles me deixem ir para casa?

– Vai correr tudo bem, Seb – tentou tranquilizá-lo Daniel. – Estás a ser um rapaz muito corajoso. Agora, o problema é que eles querem começar a fazer as perguntas amanhã muito cedo. É mais fácil dormires aqui. Pelo menos, estarás em segurança.

Sebastian olhou para ele e sorriu.

– Vai agora ver o corpo? – perguntou.

Daniel abanou rapidamente a cabeça. Teve a esperança de que o polícia que estava junto das celas não o tivesse ouvido. Teve de se lembrar de que as crianças interpretam o mundo de maneira diferente dos adultos. Mesmo os menores com mais idade que ele já defendera se mostravam impulsivos no que diziam, e Daniel até se vira obrigado a aconselhá-los a pensarem bem antes de falarem ou de agirem. Vestiu o casaco, estremecendo ao contacto frio do cabedal ainda húmido. Despediu-se de Charlotte e de Sebastian sem se mostrar efusivo e disse-lhes que estaria de regresso logo de manhã.

Já passava das onze e meia quando Daniel saiu da estação de metropolitana de Mile End debaixo de um céu que parecia pintado com o azul-marinho das noites de verão. Já não chovia, mas o ar parecia carregado de humidade.

Respirou fundo e começou a andar, a ponta da gravata enfiada no bolso da camisa, as mangas enroladas e o casaco por cima do ombro. Normalmente iria de autocarro para casa, apanhando o 339 se ainda fosse a tempo, mas nessa noite atravessou a Grove Road a pé, passando pela barbearia antiga e pelas casas de pronto-a-comer, pela igreja batista e por *pubs* onde nunca entrara, e pelos apartamentos modernos dos prédios mais recuados. Quando deu por si diante do Victoria Park, já estava quase em casa.

O dia tinha sido demasiado duro e Daniel desejou que o rapaz não fosse acusado e que os exames forenses o ilibassem. O sistema já era suficientemente duro para os adultos, quanto mais para as crianças. A precisar de tempo para si, e também para pensar, Daniel sentiu-se satisfeito por poder estar sozinho em casa, depois de a sua mais recente namorada o ter deixado, dois meses antes.

Tirou uma cerveja do frigorífico e ficou a bebê-la em pequenos goles enquanto abria o correio. No fim do monte de papéis havia uma carta. O papel era de um azul muito claro, e o endereço fora escrito à mão com uma caneta de tinta permanente. A chuva humedecera a carta, e parte do nome e do endereço de Daniel ficara reduzida a um borrão, mas mesmo assim conseguiu reconhecer a letra.

Bebeu um gole mais prolongado de cerveja e enfiou o dedo mindinho na dobra do envelope, abrindo-o depois com brusquidão.

Meu muito querido Danny,

Esta é uma carta difícil de escrever.

Não tenho estado bem e percebo agora que já não me resta muito tempo. Não sei se continuarei a ter forças e por isso quis escrever-te já. Pedi à enfermeira que pusesse esta carta no correio quando chegasse a minha hora. Não posso dizer que estou ansiosa por esse último momento, mas não tenho medo de morrer. Não quis que te preocupasses.

Gostaria de poder ver-te mais uma vez. É só isso. Gostaria de ter-te aqui comigo. Sinto-me muito longe de casa e muito longe de ti.

Arrependo-me de tantas coisas e, abençoado sejas, meu amor, tu és um dos motivos do meu arrependimento, senão o maior de todos. Gostaria de ter feito mais por ti; gostaria de me ter esforçado mais.

Tenho-te dito muitas vezes ao longo dos anos, mas quero que saibas que o que fiz foi realmente para te proteger. Quis que fosses livre, feliz e forte e, sabes que mais, acho que és.

Embora saiba que foi um erro o que fiz, penso agora em ti, a trabalhar em Londres, e isso traz-me uma estranha paz de espírito. Sinto a tua falta, mas isso é do meu egoísmo. Sei, no meu coração, que estás ótimo. Até me sinto capaz de rebentar de orgulho por seres advogado, mas que tenhas chegado a esse ponto não me surpreende.

Não sei o que ela vale, mas deixo-te a quinta. Talvez valha só uma semana de ordenado para ti mas, durante algum tempo, foi a tua casa. Ou, pelo menos, espero que tenha sido.

Soube sempre que serias bem-sucedido. Só espero agora que sejas feliz. A felicidade, no entanto, é mais difícil de alcançar. Sei que possivelmente ainda não o percebes, mas a tua felicidade foi tudo o que sempre desejei. És o meu amor. És o meu filho, quer gostes quer não. Tenta não me odiar pelo que eu fiz. Liberta-me dessa preocupação e eu descansarei melhor.

Com todo o meu amor,

Mãe

Daniel dobrou a carta e voltou a metê-la no envelope. Acabou de beber a cerveja e ficou de pé por instantes com as costas da mão encostadas à boca. Os dedos tremiam-lhe.